

## 6 BRINCAR DE APRENDER!

Francisco Glaydson Nunes Mathias<sup>18</sup>

*Os profetas não são homens ou mulheres desgredados e dilapidados; quer sejam homens barbudos; quer sejam mulheres com longos cabelos, imundos, vestidos com farrapos, com a bengala do pastor na mão, os profetas são aqueles homens e mulheres que mergulham de tal forma nas águas de sua cultura e de sua história, da cultura e da história de seu povo, dos dominados entre eles, que conhecem seu aqui e seu agora, e assim podem antever o seu amanhã, o qual eles mais compreendem do que prevêem.*

(Paulo Freire, in *Pedagogia da Autonomia*)

Falar da experiência de formar e trabalhar com uma turma de adultos "analfabetos" ou semi-analfabetos é tarefa que sempre requer muita reflexão. Primeiro, pelo grande e valoroso número de experiências vividas em sala: delas, quais escolher para relatar, se cada uma parece carregar um *valor* em si? E carrega. E ainda, priorizar o trabalho didático-pedagógico, nos centrando em nossa própria atuação como professores e na dos alunos como pessoas construindo um saber, ou focalizar os aspectos mais humanos e gerais do processo, deixando que as vozes, tantas vezes oprimidas, dos nossos alunos nos ensinem, uma vez mais, justamente o que é ser humano?

Esse breve relato tem por objetivo condensar a vivência de um grupo que se reuniu desde o início de março de 2004, no bairro Luciano Cavalcante, em Fortaleza, numa área de acentuada pobreza. Os trabalhos com os alunos aconteceram até a primeira semana de agosto do mesmo ano, quando o grupo foi encerrado e os alunos remanejados para a rede de ensino público. O grupo, como se sabe, fez parte do programa Alfabetizar(se) e se formou a partir de visita dos coordenadores do projeto ao IAPS, órgão não

<sup>18</sup> Estudante do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará.

governamental que atua na localidade e que presta serviços de ação social. Uma vez firmada a parceria Alfabetizar(se)/IAPS, fui escalado pela equipe de coordenadores para assumir a turma.

O primeiro passo a dar, depois de contatar as pessoas que trabalham na sede do IAPS, foi procurar os alunos e reforçar o convite para participarem das aulas, uma vez que eles já haviam sido contatados antes por outra professora do projeto que, por outros motivos, acabou dele saindo e as aulas não haviam começado no prazo previsto. Essa experiência, de ir às casas dos alunos, foi imensamente valorosa, pois me possibilitou conhecer a realidade que cerca aquelas pessoas, além de travar um primeiro contato com os próprios alunos. Foram visitadas vinte e oito casas, número de matrículas prévias feitas na sede do IAPS. A maioria das pessoas visitadas com quem conversamos afirmou que iria para a primeira aula.

No dia marcado para a primeira aula, apenas dois alunos compareceram. Mesmo assim, a aula foi ministrada e pedi que os dois reforçassem o convite para as pessoas que eles conheciam e sabiam estarem matriculadas e que também convidassem aqueles que queriam voltar a estudar. No segundo dia, compareceram os mesmos dois alunos da primeira aula mais alguns dos que se encontravam na lista de matrícula e outros que estavam vindo para se matricular. A primeira semana, de três dias, foi toda dedicada a tentar convencer os alunos a continuarem freqüentando os encontros e a trazerem novos colegas. Na segunda semana, o número de alunos cresceu para treze. Foi quando enfrentamos o primeiro problema que ocasionou a evasão de um bom número deles: o período das grandes chuvas. Muitos moram às margens do Rio Cocó e tiveram suas casas alagadas, havendo mesmo uma ocasião em que o encontro não aconteceu por conta da ausência de todos os alunos, que alegaram medo de sair de casa e perderem todas as suas coisas na enchente do rio. Quando as chuvas passaram,

dos treze alunos apenas nove disseram querer permanecer estudando, os outros alegaram diversos motivos para saírem do projeto. O que nos fez pensar o quanto é necessário lutar para resgatar a essas pessoas o direito de ser alguém em uma sociedade tão injusta, em que um bem como a chuva faz com que as pessoas larguem um sonho.

Desde então, a turma passou por várias reformulações: entraram e saíram muitos alunos. Do grupo que se formou desde o início, cinco alunos freqüentaram as aulas até o final, quando a turma tinha nove alunos, sendo oito mulheres e um rapaz. A faixa etária vai dos 14 anos (o rapaz) até os 58. Mesmo entre eles havia diferenças quanto ao poder aquisitivo, já que alguns trabalhavam e outros não, havendo até quem fosse "sustentada" pela família do marido também desempregado, o que nos deixou entrever a situação financeira em que os alunos se encontravam. Um dos temas trabalhados nas aulas e que foi mais apreciado pelos alunos foi, justamente, o da cidadania, em que discutimos, através da leitura de uma cartilha, assuntos como desemprego, moradia, educação, saúde e transporte.

A classe era heterogênea, havendo quem já dominasse o código alfabético, sendo capaz de ler e escrever ainda que de forma limitada, e quem tinha apenas um vago sentido das letras, muitas vezes não assumindo a correspondência adequada *letra/som*. Todos assinavam seus nomes. Essa heterogeneidade da classe preocupou, sobretudo nos primeiros dias, uma vez que o projeto tinha como objetivo a educação de quem *não sabia ler*, mas a maioria da turma já sabia. Aqueles que ainda tinham uma dificuldade maior de leitura ficavam como que marginalizados, não participavam muito das atividades didáticas. Pouco a pouco, essa resistência foi quebrada e, surpreendentemente para mim, o trabalho em pares (*sabe ler/não sabe ler*) mostrou ótimos resultados, os alunos ensinando-se mutuamente em um exercício de cidadania e solidariedade. Em momento algum essas diferenças geraram *preconceito* entre eles

mesmos. Vale ressaltar que desde o primeiro momento a turma assumiu um forte sentimento de companheirismo que só colaborou no processo ensino-aprendizagem.

Passarei a ilustrar algumas das atividades desenvolvidas com os alunos.

Como atividades de leitura, o uso dos mais diversos portadores de textos, bem como de gêneros literários diversos, foi a base em que fundamentei meu trabalho. Uma vez priorizada a leitura como fonte do conhecimento e do saber, parti sempre de um texto escrito, qualquer que fosse a atividade proposta. Toda minha prática consistiu no desejo de que o texto assumisse significado para os alunos, portanto, sendo preciso aprender a *ler* o texto, buscando elementos lingüísticos e até mesmo extralingüísticos que ajudassem a apreender o sentido real do que eles iam lendo, não se limitando à mera decodificação do sistema alfabético. Os primeiros trabalhos com leitura foram mais uma sondagem em si, do que uma atividade pensada para o grupo. Por exemplo, trabalhamos a leitura dos nomes de cada aluno. O aluno lia seu nome escrito em um crachá, falava um pouco da sua história de vida e depois mostrava um desenho que ele havia feito representando alguma etapa da sua trajetória pessoal. Depois que todos leram seus nomes, contaram suas histórias e mostraram seus desenhos, pedi que cada um *lesse* no nome e no desenho do colega a história de vida do outro. Essa atividade, além de lúdica, possibilitou descobrir em que nível de leitura os alunos estavam e como eles se comportavam quando precisavam emitir opinião e/ou falar em público.

A leitura foi sempre muito incentivada em sala. Mesmo sabendo ler, algumas das alunas, quando convidadas para a leitura em voz alta, diziam não saberem ler, demonstrando a baixa auto-estima em que essas pessoas viviam. Todos eram convidados a ler, mesmo os que não dominavam o alfabeto. Cada vez em que uma das pessoas com mais dificuldades era chamada a ler, a classe toda participava

incentivando. Esse processo foi lento e tive todo o cuidado em não expô-los a situações de constrangimento diante de toda classe. Uma das coisas que mais me alegrou, em todo esse tempo, foi uma vez em que a classe se encontrava fazendo um cartaz sobre cidadania e uma das alunas, com maior dificuldade de leitura, se levantou de sua carteira e se aproximou de onde eu estava mostrando uma palavra e perguntando se era *moradia*. A palavra era, sim, moradia. A aluna, mesmo sem ser solicitada, tinha lido aquela pequena palavra para nós, mas que para ela significava uma enorme conquista.

Das atividades de leitura a que mais nos tomou tempo e envolveu a turma de um modo mais efetivo foi a leitura de jornal. Pedi aos alunos que levassem para a sala de aula exemplares de jornais e, com as cópias dos jornais em mãos, expliquei como um jornal se divide e pedi que cada um procurasse uma notícia em uma seção específica. Por exemplo, o aluno A procurou uma notícia policial enquanto B procurou uma matéria sobre cultura. Depois que todos acharam suas matérias e notícias, fizemos uma espécie de teatro, apresentamos um telejornal (com público e tudo, que foram os filhos das alunas que as acompanhavam nas aulas), em que eu era o apresentador e cada aluno um repórter que devia apresentar para a classe a notícia lida. Ainda trabalhando com o jornal, foi pedido que escutassem uma notícia no rádio ou na televisão e depois escrevessem com suas próprias palavras o que haviam entendido e, na aula seguinte, lessem suas notícias para todos. Essas atividades agradaram os alunos, havendo até quem afirmasse que agora iria "estudar mais para que um dia se formasse jornalista."

A leitura de textos literários como poemas, crônicas, contos e de letras de músicas muito auxiliaram em sala. Um dos textos lidos, o poema de Cecília Meireles, *Ou Isto, Ou Aquilo*, serviu de base para uma longa discussão sobre o nosso papel no mundo, nossos sonhos e a força para

correremos atrás deles. A leitura desse poema facilitou a abertura dos alunos para falarem de suas próprias vidas, o que eles fizeram com desenvoltura. Até que, no último mês de aulas, lemos o conto *Cem Anos de Perdão*, da escritora Clarice Lispector e o trabalho de compreensão do que foi lido consistiu em falar um pouco da infância deles. As histórias que surgiram dariam para encher um livro, ou mais.

Cada vez que íamos ler qualquer texto, primeiro eu pedia que eles localizassem as palavras que já conheciam e marcassem não só as que sabiam ler, mas as que sabiam explicar o significado. Depois, ou pedia a um aluno que lesse o texto, ou eu mesmo o lia, pausadamente. A classe sempre demonstrou um certo desconforto com a leitura silenciosa prévia, preferindo que a fizéssemos em conjunto. Mesmo achando que a leitura silenciosa poderia ajudar em alguns casos, respeitei o gosto da turma e poucas vezes a solicitei. O trabalho com as palavras desconhecidas por eles se dava a partir do próprio texto. Pedia que eles tentassem acertar qual o sentido da palavra, percebendo o que o autor quis dizer com a frase toda. Essa atividade se mostrou muito proveitosa, porque os alunos iam construindo um sentido para o que leram e se forçavam a guardar o significado do que estava sendo comentado.

Um dos momentos que eles mais gostavam da aula, no entanto, eram as atividades de escrita, o que mostra como eles gostariam de escrever “tudo o que vêem pela frente”, nas palavras de uma aluna. Uma delas, nas primeiras aulas, declarou ser seu sonho escrever uma carta para a família que mora no interior do Estado. Sonho realizado. Em meados de maio, pedi que escrevessem uma carta para a pessoa de quem mais sentiam saudades, depois de trabalhar com eles o gênero *carta*, partindo da leitura de carta enviada por Clarice Lispector a uma garota de 11 anos, na qual a escritora dá conselhos sobre como escrever.

Mas as primeiras atividades, claro, foram mais elementares. A primeira, de cara, foi confeccionar o crachá de

identificação, escrevendo neles seus nomes. Como disse, todos já escreviam seus nomes. Depois, fomos escrevendo palavras que começassem com a primeira letra do nome de um dos colegas, por exemplo, palavras que comecem com a primeira letra do nome de D. Maria. Esse tipo de atividade, a confecção de listas de palavras, foi muito solicitado pelos alunos. Eles escreviam listas de tudo. Adoravam trabalhar com hipóteses de como uma palavra é escrita.

Como principal incentivo para que os alunos perdessem o medo de escrever, mesmo “errado” do ponto de vista ortográfico, cito o constante uso que eles fizeram do *quadro negro*. Em quase todas as aulas, foi pedido que um ou mais alunos fossem até a frente e escrevessem palavras, frases ou até mesmo textos inteiros. Os alunos gostavam de ir lá na frente da turma, diziam que se achavam “importantes” e que adoravam tomar o “lugar” do professor. Aqueles com dificuldades de leitura e/ou escrita quase sempre precisavam que a classe os ajudasse a escrever mesmo as palavras mais simples, como as monossilábicas.

Escrever foi uma atividade constante nas aulas, sendo todos os dias solicitado que eles escrevessem algo, por pouco que fosse. Quase sempre que líamos um texto, seguindo ao debate sobre ele, pedia os alunos que tentassem escrever algo sobre o texto lido. A confecção de cartazes também se mostrou muito útil nesses momentos. Os alunos faziam verdadeiros levantamentos de hipóteses para escrever palavras como /casa/ ou /perdão/. Acredito mesmo que a escrita foi uma atividade mais prazerosa para essa turma do que a leitura. Outras atividades desenvolvidas em sala: escrever as palavras desconhecidas dos textos lidos, organizar listas escritas por eles em ordem alfabética, escrever nomes de pessoas conhecidas e da família, escrever relatos sobre suas vidas, escrever pequenos textos que mostrem o que eles pensam sobre assuntos ligados aos textos estudados, escrever poemas, reescrever notícias de jornal etc.

Outra atividade que vale ressaltar, uma vez que os alunos a apreciaram bastante, é a aplicação dos chamados testes *close*, em que é dado aos alunos um texto com lacunas para que eles preencham com a palavra que acham que melhor se enquadra naquele contexto. Geralmente eles precisavam escolher entre duas ou três palavras diferentes. Como teste *close* foram trabalhadas letras de músicas, poemas e anedotas. O resultado foi sempre apreciado pelo grupo.

Encorajar o aluno a escrever foi de suma importância. As dificuldades e os erros de ortografia acenavam para o desenvolvimento, ou não, dos alunos. Por exemplo, depois de trabalharmos uma semana com a questão da nasalização das vogais, quase todos escreviam corretamente palavras com esse tipo de ocorrência, como em /cama/, /pão/ e /caminhão/ e, mesmo se erravam a ortografia, quando pedia que olhassem melhor para o que produziram, eram capazes de localizar o erro e corrigí-lo.

Desde o começo das aulas, ficou claro para os alunos que escrever correto, dentro dos padrões da norma culta, é matéria que demanda tempo e muitos “erros” pela frente, uma vez que não escrevemos como falamos. Todos se empenharam em escrever e diziam que, se errassem, o professor corrigiria. Pouco a pouco os alunos foram compreendendo o sistema ortográfico do português, quer fosse pela leitura dos textos, quer fosse pela análise da produção individual de cada um deles. Dessa forma, avaliar o processo da aquisição da língua escrita consistiu em observar como os alunos iam progredindo nesse campo e lhes mostrar seus avanços.

Tentamos sempre trabalhar dessa forma, com respeito e atenção aos limites de cada um. No começo, foi difícil superar a idéia que eles traziam de sala de aula tradicional, com cadernos, cartilhas e professor postado, de pé, diante deles, não sentado com eles, no meio deles. Aquilo foi um choque e eles, mais do que eu, tiveram que se adaptar

àquela realidade nova. Até perto do fim das aulas, alguns reclamavam por não terem recebido a carteira de estudante. Tarefa de casa eles pediram desde o primeiro momento, mas ficou combinado que as tarefas propostas para casa nunca seriam de cópia e que eles fariam o máximo para resolvê-las sozinhos.

Além de tudo o que já foi dito aqui, sobre a prática pedagógica como construção de conhecimento, é válido citar como os alunos desenvolveram suas habilidades de oralidade e expressão vocal. Mesmo sendo alguns tímidos, sempre conversávamos a respeito das coisas da vida. E aqui fica extremamente difícil dizer quem era o professor, quem aprendia nessa relação. Foi salutar ver as pessoas lembrar suas vidas e falar de seus sonhos de maneira tão despreocupada e sincera, querendo acreditar no futuro. E mais, acreditando que estando ali, naquela sala de aula, elas poderiam, de certa forma, mudar seu próprio futuro. O processo humano por detrás do processo didático é algo que precisa ser valorizado e querido acima de tudo. Ensinar precisa sim, trazer conhecimento para as pessoas, mas precisa, também, dar-lhes alegria.

Todo esse trabalho termina na valorização dos alunos como seres humanos e na tentativa de fazer com que a educação assumisse para essas pessoas um valor maior do que o previsto pela sociedade (conseguir um emprego, não ser tachado de burro, etc.), fazendo-os perceber o quanto de vida e de melhoria eles podiam ganhar ao descobrir a mágica das letras, o fascínio das palavras e do texto escrito.

A escola tem se mostrado impotente diante dos desafios de fazer das pessoas seres pensantes, pessoas engajadas em seu próprio enriquecimento intelectual. Um projeto como foi o Alfabetizar(se) deve trabalhar nessa dupla ideologia: uma que garanta educação a todos, o direito ao conhecimento e aos saberes e outra que entenda esse mesmo conhecimento e saberes como ferramentas para libertar o homem e a sociedade em que ele vive das cadeias de

opressão e injustiças. Meu trabalho como educador, portanto, vislumbrou esse alcance: no meio da construção das palavras, da resolução de problemas abstratos, vamos ajudando a construir consciências e a resolver questões reais. Vamos aprendendo a vida. Quando se ingressa num projeto como esse, têm-se a idéia de que seu trabalho consistirá em ensinar pessoas que ainda não sabem ler, que seu material de trabalho vai ser, sobretudo, letras e sons. E, de repente, você se vê trabalhando e sendo trabalhado em sua humanidade, na capacidade tantas vezes esquecida que temos de valorizar o outro, mesmo os mais humildes.

Desde os primeiros momentos desse projeto, tive que aprender, ou re-aprender, a humildade: humildade de calar e escutar tudo o que pensava já saber, humildade para pôr os pés no chão e ver de perto a realidade que cerca os que ensinei, humildade para ouvir e aprender de quem nunca ouviu falar dos meus teóricos mais caros, humildade para saber e reconhecer que nem sempre acerto. Humildade, enfim, para me reconhecer *alfabetizando*, em construção.

Tudo o que essas pessoas me ensinaram, com suas falas, produções textuais e silêncios valeram mais do que os livros que me mandaram ler um dia, pois com elas aprendi o sentido de ser aquilo que escolhi ser: um educador.

Saí mais rico dessa experiência, nela renovei meu saber teórico em muitos aspectos, sei que essa foi uma oportunidade de fazer novos amigos, de refletir sobre o mundo em que vivo e suas injustas relações sociais e de poder, e de ser ensinado por quem deveria aprender comigo.

Pus os pés nessa estrada um outro que não o que vai seguindo por ela agora, brincando de viver!